

## Ver e ouvir para melhor acolher: práticas de multiletramentos em contextos de migração de crise<sup>1</sup>

### *Seeing and Listening in Order to Better Welcome: Multiliteracies Practices in Contexts of Crisis Migration*

Josiane Andrade Militão<sup>2</sup>

**Resumo:** O crescimento exponencial dos deslocamentos forçados em escala global tem imposto novos desafios às sociedades contemporâneas, especialmente no que se refere às políticas de acolhimento e integração de pessoas em situação de migração e refúgio. Nesse cenário, o aprendizado da língua do país de chegada emerge como dimensão central dos processos de interação social, de acesso a direitos e de construção do sentimento de pertença. Este artigo discute princípios teóricos, metodológicos e ético-políticos que orientam práticas de ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc), tomando como referência ações de extensão e pesquisa desenvolvidas no âmbito do Projeto LER, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. A partir da noção freireana de diálogo e de escuta como prática fundante, analisa-se o compromisso com o “ver e ouvir para melhor acolher” como eixo estruturante de práticas de multiletramentos situadas, decoloniais, interculturais e transdisciplinares, capazes de articular ensino, pesquisa, extensão e seu papel na construção de políticas públicas para esta agenda.

**Palavras-chave:** Migrações. Práticas de multiletramentos. Português como Língua de Acolhimento. Extensão Universitária.

**Abstract:** The exponential growth of forced displacement on a global scale has posed new challenges to contemporary societies, particularly with regard to policies of reception and integration of people in situations of migration and refuge. In this context, learning the language of the host country emerges as a central dimension of processes of social interaction, access to rights, and the construction of a sense of belonging. This article discusses theoretical, methodological, and ethical-political principles that guide the teaching of Portuguese as a Language of Welcome (PLAc), taking as its reference extension and research actions developed within the scope of Project LER in the Metropolitan Region of Belo Horizonte. Based on the Freirean notion of dialogue and listening as a foundational practice, the study analyzes the commitment to “seeing and listening in order to better welcome” as a structuring axis of situated, decolonial, intercultural, and transdisciplinary multiliteracies practices, capable of articulating teaching, research, extension, and their role in the construction of public policies for this agenda.

**Keywords:** Migration. Multiliteracies practices. Portuguese as a Language of Welcome. University Extension.

---

<sup>1</sup> Este texto resulta da exposição realizada na mesa redonda “Migração e Linguagens”, durante a programação do VI SILLPRO: Fronteiras. Deslocamentos. Migrações e apresenta resultados da pesquisa “Ver e ouvir para bem acolher: um estudo semiótico-discursivo de narrativas de migrantes e refugiados”, financiada pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa PUC Minas FIP-2025/32565-1S (Militão; Cavalcante; Martins, 2025).

<sup>2</sup> Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e mentora do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Bilingue e Plurilíngue. Integrante do grupo de pesquisa Complex Cognition (PUC Minas). Coordena o Projeto LER (Leitura e Escrita com Migrantes e Refugiados).

## **Migrações de crise e o desafio da aprendizagem da língua**

Os dados mais recentes do Relatório de Tendências Globais do UNCHR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) indicam que, ao final do ano de 2024, o número de pessoas forçadas a se deslocar ultrapassou a marca de 122,1 milhões em todo o mundo, mais que dobrando em relação à década anterior. Desse contingente, cerca de 40% são crianças e adolescentes, e aproximadamente 75% das pessoas refugiadas encontram-se acolhidas em países de baixa e média renda. Segundo o UNCHR, até junho de 2025 havia cerca de 123,2 milhões de pessoas deslocadas à força no mundo, incluindo refugiados e deslocados internos (UNCHR, 2025).

No contexto das Américas, a crise dos deslocamentos forçados assume contornos particularmente intensos, atingindo mais de 21,9 milhões de pessoas em situação de mobilidade compulsória. No Brasil, entre 2015 e 2024, foram registrados 454.165 pedidos de reconhecimento da condição de refugiado, formulados por sujeitos oriundos de 175 nacionalidades distintas (UNCHR/Brasil, 2025). Esses fluxos, majoritariamente provenientes da América Central e da América do Sul, estão associados a cenários de violência armada, vulnerabilidade socioeconômica e eventos ambientais extremos, com destaque para os deslocamentos oriundos do Haiti e da Venezuela. Para além de seus efeitos demográficos e institucionais, tal dinâmica impõe desafios específicos no plano linguístico-discursivo, uma vez que o acesso a direitos, serviços públicos e políticas de acolhimento é mediado, de forma decisiva, por práticas sociais de interação discursiva.

Esses números não apenas dimensionam a gravidade da crise humanitária contemporânea, mas exigem que a Universidade atue em rede de articulação científica nacional e internacional, concretizando e legitimando o seu papel no fortalecimento de fundamentos científicos que cooperam para melhor compreensão e transformação da realidade social em que se insere.

Nesse contexto, a chegada de migrantes e refugiados em nosso país coloca em evidência o desafio da aprendizagem da língua portuguesa articulada ao aprendizado da cultura local e de princípios de cidadania, como os que permitem o acesso a serviços públicos, trabalho, saúde e educação. A língua, nesse sentido, não pode ser compreendida apenas como sistema estrutural, mas como prática social atravessada por relações de poder, desigualdades e disputas simbólicas.

O ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) configura-se como eixo estruturante dos processos de integração social e que demanda práticas pedagógicas sensíveis às trajetórias migratórias, às línguas de origem e às experiências de desigualdade vividas por migrantes e refugiados. A centralidade do domínio da língua nesses contextos evidencia a necessidade de abordagens educativas que ultrapassem a dimensão instrumental de seu ensino, assumindo-o como prática social, política e discursiva, diretamente implicada na construção do sentimento de pertença e no exercício da cidadania.

### **O ensino de Português como Língua de acolhimento: a experiência de um projeto de extensão universitária**

O Projeto LER (Círculos de leitura e escrita com migrantes e refugiados)<sup>3</sup> é um projeto de extensão universitária, de natureza transdisciplinar, desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. O compromisso do projeto é com a integração e a emancipação social de crianças e adolescentes, jovens e adultos, em situação de refúgio e migração no Brasil. Assume os valores e a dinâmica de uma comunidade intercultural de aprendizagem que realiza ações de Educação, Arte e Cultura e busca somar esforços para o cumprimento dos Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Organização das Nações Unidas para 2030 (ONU, 2020). Constitui-se como uma comunidade intercultural de aprendizagem, constituída por pessoas de diferentes nacionalidades, professores e estudantes extensionistas de diferentes áreas do conhecimento.

As ações pedagógicas e culturais desenvolvidas no projeto estão fundamentadas em princípios freireanos e frenetianos, tais como amorosidade, dialogicidade, criatividade e criticidade (Cf. Freire, 2019; Freneit, 2004). Em termos metodológicos, organiza-se com base em uma atitude de escuta ativa e de metodologias participativas. Essas se traduzem no tripé acolhimento, engajamento e avaliação em todas as suas ações, pedagógicas e culturais.

Nessa comunidade intercultural de aprendizagem, o princípio da amorosidade e da dialogicidade fundamenta um outro princípio que perpassa todas as ações: o princípio da convivialidade (Illich, 1976). A construção e o fortalecimento de laços de confiança têm o objetivo de criar um ambiente seguro de convivência. Os círculos de aprendizagem promovidos pelo Projeto envolvem o uso de estratégias pedagógicas de intercompreensão (criativas, afetivas) que permitem a criação de vínculo de confiança entre educador e aprendiz. Neste ambiente, acontece o engajamento em contextos e situações interacionais reais, do exercício

---

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o Projeto LER, acesse [www.projetoLER.com](http://www.projetoLER.com).

da autonomia, do reconhecimento e da defesa da dignidade humana como centro do ato educativo em um contexto de interculturalidade e de plurilinguismo. Dessa forma, em uma concreta experiência de convivialidade em um mundo marcado por diversas formas de violência, o Projeto LER assume o compromisso com a justiça, a participação e a emancipação social.

A experiência do Projeto LER no campo evidencia que o processo de aprendizagem do português por migrantes e refugiados se configura como um percurso profundamente marcado por condicionantes sociais, institucionais e simbólicos que extrapolam o domínio estritamente linguístico. Nesse sentido, o projeto não apenas oferece o ensino da língua, mas constrói um ambiente intercultural em que o aprendizado do português e da cultura brasileira se dá pela convivência afetiva de seus participantes, pelo compromisso e interesse mútuo no bem-estar do outro e pela coordenação de ações que visam a emancipação e inserção sociocultural de cada indivíduo.

Um ambiente seguro de aprendizagem propicia a interação sociocomunicativa, na contramão dos principais desafios enfrentados pelas pessoas em situação de migração e refúgio em sua chegada ao país. Entre os obstáculos recorrentes, destaca-se o desafio imposto pela necessidade de aprendizagem de uma língua outra, atravessada pela escassez de tempo disponível para a interação comunicativa, uma vez que muitos sujeitos migrantes precisam conciliar o estudo sistemático da língua com jornadas extensas de trabalho, deslocamentos longos, cuidados familiares e a constante necessidade de resolver demandas burocráticas. Tal condição compromete a continuidade dos processos formativos, embora possa se constituir oportunidade de uso significativo da língua em contextos socialmente relevantes.

Outro aspecto importante a ser considerado neste contexto diz respeito ao desconhecimento, pelos atores sociais envolvidos na área da saúde e da educação, da legislação brasileira, em especial das normas que regulam a migração, o refúgio e o acesso a direitos sociais básicos. Esse desconhecimento não se restringe aos próprios migrantes e refugiados, mas também alcança servidores públicos e profissionais de instituições sociais, o que frequentemente resulta em situações de desinformação, encaminhamentos inadequados e negação de direitos. Nesse cenário, o desempenho linguístico desses sujeitos assume papel ambíguo: ao mesmo tempo em que se apresenta como ferramenta potencial de mediação e empoderamento, torna-se, muitas vezes, um desafio que aprofunda desigualdades, sobretudo quando o acesso a informações institucionais ocorre exclusivamente em português e em registros pouco acessíveis.

## **Língua e cidadania: desafios do Ensino de Português como Língua de Acolhimento**

Como observa Diniz (2021), ao discutir políticas linguísticas no Brasil, o ensino de português direcionado a migrantes e refugiados demanda abordagens capazes de dialogar com instituições públicas e sociedade civil, considerando a heterogeneidade sociolinguística dos sujeitos e articulando práticas educativas a políticas públicas estruturadas, um passo crucial para que o domínio da língua não se torne mais um fator de exclusão. Assim, em consonância com Diniz (2021), podemos deduzir que:

- a) o desconhecimento daqueles que atuam em instituições públicas acerca das necessidades linguísticas de migrantes e refugiados resulta em práticas de atendimento que não promovem a inclusão;
- b) a língua pode funcionar tanto como ferramenta de mediação e empoderamento quanto como fator dificultador, enquanto as políticas e instrumentos não considerarem a diversidade linguística real dos sujeitos.

Os desafios linguísticos enfrentados pelas pessoas em situação de migração ou refúgio nos serviços públicos emergem, assim, como um forte entrave à integração social. A dificuldade em compreender gêneros discursivos da via cotidiana, tais como formulários, orientações técnicas, procedimentos administrativos e discursos normativos produz efeitos concretos na vida dessas pessoas, afetando desde o acesso a atendimentos básicos até a regularização documental e a inserção no mercado de trabalho. Somam-se a isso experiências recorrentes de xenofobia, racismo, machismo e outras formas de violência simbólica, que atravessam as interações comunicativas e produzem silenciamentos, insegurança discursiva e retraimento dos sujeitos migrantes nos espaços públicos.

Esses elementos impactam diretamente a qualidade da interação socio discursiva, evidenciando que a aprendizagem da língua não ocorre em condições neutras ou homogêneas. Ao contrário, trata-se de um processo situado, permeado por relações de poder, afetos, memórias de deslocamento forçado e experiências de exclusão social. Nesse contexto, tornam-se visíveis os limites de modelos tradicionais de ensino de língua que privilegiam abordagens normativas, descontextualizadas e centradas na aprendizagem de regras e estruturas gramaticais abstratas, desconsiderando as realidades sociais, culturais e políticas dos aprendizes.

Em 2019, Bizon e Diniz organizaram um dossiê em que apresentam alguns cenários atravessados pelos (des)caminhos da globalização, o qual (re)produz tensões entre as línguas e seus falantes. Os autores nos alertam que o ensino de português para falantes de outras línguas precisa ir além de uma ordem metodológica normativa que parte de regras isoladas. Em vez disso, o ensino de línguas deve favorecer condições concretas de interação verbal, privilegiar temas relevantes para os participantes, a fim de desnaturalizar discursos hegemônicos e valorizar vozes historicamente silenciadas, considerando a materialidade linguística em seu uso real.

A insuficiência dos modelos tradicionais, gramatizantes, revela a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a importância de uma abordagem pedagógica de natureza intercultural e decolonial do ensino de Português como Língua de Acolhimento.

A interculturalidade crítica, como prática pedagógica, concretiza uma ruptura com a lógica hierárquica do conhecimento herdada da colonização, promovendo diálogo, reconhecimento e produção compartilhada de saberes entre diferentes culturas.

Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem desloca-se de abordagens homogêneas, normativas e universalizantes para assumir o reconhecimento das diferenças socioculturais e linguísticas como constitutivas dos processos educativos. Nessa perspectiva, o ensino da língua passa a ser compreendido como prática social situada, inegavelmente atravessado por relações de poder, histórias de colonialidade e disputas simbólicas que produzem hierarquizações entre saberes, sujeitos e, conseqüentemente, entre formas de dizer.

O ensino de PLAc é prática pedagógica, social e discursiva fundamental para a construção do sentimento de pertença, autonomia e cidadania em contextos marcados pela mobilidade humana e pela diversidade linguística e cultural. Uma abordagem como essa reconhece os tempos, trajetórias e saberes dos aprendizes, bem como suas línguas de origem, suas histórias de deslocamento e seus projetos de vida. Trata-se de um ensino que se constrói no entrelaçamento entre linguagem, cultura, escuta e acolhimento.

### **Ver e ouvir como atitude pedagógica: espírito da roda**

Inspirados na pedagogia freireana (Freire, 2019) e nos valores que balizam as ações da Associação Nossa Cidade<sup>4</sup>, parceira do projeto LER, educadores, coordenadores e

---

<sup>4</sup> A Associação Nossa Cidade é uma instituição comunitária que conta com centenas de voluntários em todas as cidades da Grande Belo Horizonte, que organizam, fundam e gerenciam fundos que financiam projetos regenerativos. Para saber mais, acesse: <https://www.nossacidade.net>.

participantes adotam o princípio do “espírito da roda de centro vazio” como eixo organizador de suas práticas. Esse constitui-se como um parâmetro ético-político e metodológico orientador de práticas coletivas de escuta, de diálogo e de convivialidade.

Inspirada em epistemologias participativas e na pedagogia crítica de Paulo Freire, essa concepção parte da recusa de hierarquias rígidas e de centralidades fixas na condução dos processos decisórios e formativos. O “centro vazio” simboliza a ausência de uma voz soberana ou de um saber previamente legitimado que organize o grupo de forma vertical, abrindo espaço para que o sentido da roda seja continuamente construído a partir da interação entre os participantes.

Nesse arranjo, cada sujeito é convocado a ocupar, provisoriamente, o centro do debate por meio de sua palavra, de sua experiência e de sua escuta, sem que essa centralidade se cristalize em posições de poder. Trata-se, portanto, de um dispositivo relacional, dialógico, que favorece a partilha de narrativas de vida, o reconhecimento da diversidade de línguas, culturas, saberes e a produção compartilhada de significados. Esta produção partilhada é possível por meio de um processo a que pesquisadores dedicados à agenda do ensino de línguas em um contexto de plurilinguismo denominam “intercompreensão” (Capucho, 2011; Capucho, 2016; Araújo e Sá; De Carlo; Melo-Pfeifer, 2011; Balboni, 2010).

Para Capucho e Silva (2016), intercompreensão refere-se a um processo de coconstrução do significado em contextos interculturais e interlinguísticos, em que falantes de diferentes línguas mobilizam estratégias comunicativas e discursivas para compreenderem uns aos outros, independentemente de seu desempenho na língua alheia.

Esse conceito desloca o foco de uma lógica puramente normativa, como a da gramatização, para uma perspectiva que enfatiza interação, negociação de sentido e competências discursivas situadas em ambientes plurilíngues e pluriculturais, articulando práticas pedagógicas que reconhecem a heterogeneidade linguística dos aprendizes e a necessidade de desenvolver habilidades de compreensão mútua em vez de simples aquisição de estruturas gramaticais isoladas.

A roda do centro vazio instaura um espaço intercompreensivo de horizontalidade, no qual migrantes, estudantes, professores e outros agentes sociais compartilham narrativas, constroem sentidos e negociam saberes. É nesse espaço que a linguagem deixa de ser instrumento de assimilação e passa a operar como prática de reconhecimento, de convivialidade e de produção do sentimento de pertença.

Nessa perspectiva, em consonância com a pedagogia crítica de Paulo Freire, o diálogo não é apenas um recurso metodológico acessório, mas uma exigência existencial, condição

para a produção da palavra verdadeira e para a transformação do mundo. Nesse horizonte, ver e ouvir não se reduzem a gestos empáticos, mas configuram uma atitude ética, política e pedagógica.

### **Ver e ouvir em rede: universidade, sociedade e políticas públicas**

As ações desenvolvidas pelo Projeto LER articulam uma ampla rede de atores sociais: lideranças comunitárias, organizações da sociedade civil, agências internacionais, universidades, poder público e setor privado. Essa atuação em rede, especialmente na Região Metropolitana de Belo Horizonte, evidencia que o acolhimento linguístico não pode ser uma responsabilidade isolada da universidade, mas um esforço coletivo e intersetorial.

As parcerias estabelecidas pelo projeto constituem um eixo estruturante de sua atuação e materializam, no plano institucional e territorial, o compromisso ético-político de ver e ouvir em rede, conforme o espírito da roda que orienta suas práticas. A formalização de acordos com instituições de ensino superior distribuídas pelas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul do país: UFAM, UFRR, Unicap, UFMA, PUC-Rio, Mackenzie, PUC-Paraná e Unisinos, evidencia uma compreensão ampliada de acolhimento linguístico, que ultrapassa os limites geográficos da universidade e reconhece a necessidade de respostas coletivas e descentralizadas às demandas da mobilidade humana contemporânea. Essas parcerias viabilizam a realização de provas presenciais de avaliação de desempenho linguístico, conforme a Portaria nº 623/20 do Ministério da Justiça, assegurando aos participantes condições concretas de acesso aos processos de naturalização<sup>5</sup>.

Essa lógica de cooperação se ancora na ideia da roda de centro vazio, na medida em que todas se reconhecem como partes de uma rede interdependente, convocadas a escutar as necessidades dos sujeitos migrantes e a responder de forma articulada. A interlocução com organizações da sociedade civil e organismos internacionais, como o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) e a Rede de Cátedras Sérgio Vieira de Mello, do ACNUR, reforça essa perspectiva ao integrar saberes acadêmicos, experiências de campo e agendas globais de proteção e direitos humanos. De modo semelhante, a parceria com o CESPUC/Instituto Camões amplia o horizonte intercultural do projeto, conectando-o a

---

<sup>5</sup> Embora o governo federal ofereça o Exame CELPE BRAS como alternativa para a comprovação do desempenho linguístico em língua portuguesa para fins de naturalização, este não foi projetado para este fim. Além do difícil acesso à prova (oferecida em poucos polos no Brasil), a natureza e o conteúdo da prova não contemplam aqueles que têm pouca escolarização. É uma avaliação pensada para os que chegam ao país por outro motivo que não por migração de crise.

iniciativas voltadas à promoção da língua portuguesa em diálogo com contextos luso-afro-brasileiros no Brasil e no mundo.

Além disso, o envolvimento de empresas parceiras, como o supermercado Verdemar e a Belgo Arames, evidencia que o acolhimento linguístico não se sustenta apenas no ensino formal, mas demanda atenção às condições materiais de existência dos participantes. Ao contribuir com segurança alimentar e acesso a tecnologias digitais, essas parcerias integram a rede de cuidado e aprendizagem que sustenta o Projeto LER.

Ver e ouvir em rede significa reconhecer que o acolhimento se constrói na confluência de múltiplos atores, saberes e responsabilidades, em um movimento coletivo que recusa centralidades fixas e reafirma a corresponsabilidade social na promoção de políticas públicas que promovam o exercício da cidadania de migrantes e refugiados. Nesse sentido, a extensão universitária assume papel estratégico ao promover a circulação de saberes entre universidade e sociedade, ao mesmo tempo em que tensiona políticas públicas e forma profissionais sensíveis às demandas da agenda da migração e do refúgio.

### **Ver e ouvir: práticas de multiletramentos**

O Projeto LER organiza suas ações em cinco diferentes frentes complementares que articulam práticas de multiletramentos a acolhimento linguístico, desenvolvimento humano e produção de conhecimento científico: frente pedagógica, frente de arte e cultura, frente de desenvolvimento humano, frente de comunicação e frente de documentação e pesquisa.

A pedagogia dos multiletramentos, desenvolvida pelo grupo de pesquisadores de Nova Londres (Cf. Cope; Kalantzis, 2009; Rojo, 2013) entende a aprendizagem como participação ativa em práticas sociais de linguagem marcadas pela diversidade cultural e semiótica. Em vez de restringir o letramento à leitura e escrita verbal, ela propõe a integração de diferentes modos de significação: linguístico, visual, sonoro, gestual, digital e organiza o ensino em quatro movimentos articulados: prática situada, instrução explícita, enquadramento crítico e prática transformada.

No âmbito do projeto, educadores tomam como ponto de partida para o planejamento e a realização dos círculos de leitura e escrita as experiências concretas de migrantes e refugiados, em que o ensino da língua portuguesa está sempre vinculado a práticas sociais situadas. Dessa forma, favorecem uma aprendizagem funcional e significativa da língua. Essas práticas atualizam gêneros discursivos os mais diversos, em que estão envolvidas múltiplas semioses: artes audiovisuais, tais como curtas, longas-metragens, podcasts, videocasts, músicas

e artes culinárias, como feiras de gastronomia e oficinas de culinária. Essas atividades ampliam a dimensão multimodal do processo formativo, articulando diferentes linguagens na construção de sentidos e realizando, na prática, a negociação de significados em múltiplos modos semióticos, característica dos multiletramentos. Ao compartilharem histórias de vida em um movimento de práxis-reflexão-práxis, em que mobilizam habilidades de (re)conhecimento crítico de seus direitos e deveres, educadores e participantes analisam conjuntamente os contextos culturais e ideológicos que atravessam suas experiências, promovendo um enquadramento crítico dos discursos e ampliando a capacidade de interpretação e construção de autonomia dos envolvidos. Nesse movimento, tornam-se designers de significados, concretizando a prática transformada proposta pela pedagogia dos multiletramentos.

Em um movimento de aprendizagem social proposto pela teoria dos multiletramentos, as cinco frentes do Projeto LER se articulam de maneira orgânica para que todos os envolvidos possam viver experiências linguísticas e sociais, analisá-las criticamente e transformá-las em produção cultural e científica. Neste sentido, a frente de documentação e pesquisa sistematiza registros das experiências em diferentes contextos, constitui bancos de dados e produz trabalhos acadêmico-científicos (iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado). A ação extensionista é também campo de investigação sobre linguagem, identidade, interculturalidade, cognição e cultura, garantindo uma práxis compartilhada com a comunidade acadêmica e com a sociedade.

### **Ver e ouvir para melhor acolher na Região Metropolitana de Belo Horizonte**

Neste artigo, destacamos uma pesquisa realizada pelo Projeto LER em parceria com a Associação Nossa Cidade: “Ouvir para bem receber: integração e conexão de comunidades transnacionais em Belo Horizonte” (ANC/Projeto LER, 2025). Esta pesquisa objetivou aumentar o entendimento sobre a realidade social e cultural vivida por migrantes e refugiados residentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte, com vistas a sensibilizar a sociedade civil para o tema e promover uma melhor integração por meio do financiamento de projetos que atendam a concretas necessidades e potencialidades dessa população.

Em uma perspectiva metodológica, a pesquisa se configura como um levantamento de natureza qualitativa, voltado à identificação de desafios sociais e das potencialidades dos sujeitos que compõem a comunidade daqueles que chegam ao Brasil, mais especificamente à Região Metropolitana de Belo Horizonte, por meio de uma migração forçada. Em vez de partir de categorias ou eixos previamente estabelecidos, a proposta metodológica favorece a

emergência de temas a partir das próprias experiências, histórias e narrativas compartilhadas pelos participantes. Diferentemente dos diagnósticos e mapeamentos convencionais, frequentemente fundamentados em dados quantitativos, indicadores numéricos e generalizações, a investigação construiu, por meio da escuta atenta às narrativas dos migrantes, um mapa de tensões, por compreender a comunidade como um sistema social complexo. Para isso, considerou as dinâmicas relacionais, os vínculos interpessoais e os elementos culturais que atravessam o cotidiano coletivo, com o objetivo de subsidiar a criação de intervenções e experimentações capazes de enfrentar e transformar as problemáticas identificadas.

Foram realizadas 68 entrevistas semiestruturadas, conduzidas por cinco pares de entrevistadores formados por um brasileiro e um migrante. Essa estratégia objetivou garantir que a interação pudesse acontecer na língua de origem do entrevistado, criando empatia e um ambiente em que ele se sentisse seguro. Nesse contexto, houve o compartilhamento de 633 micronarrativas de vida, que passaram por análise qualitativa em que foram identificadas cerca de 700 tensões, ou seja, contrastes entre desejos, expectativas e a realidade enfrentada no país de chegada.

Essas 700 tensões foram agrupadas, por proximidade semântica, em 16 temas centrais. O mapeamento de tensões foi desenvolvido com o apoio da plataforma Kumu<sup>6</sup>, uma ferramenta digital voltada à representação, organização e compreensão de dados complexos, sistemas dinâmicos e redes de relações. Por meio dela, é possível elaborar diagramas de causalidade, mapas de atores sociais e esquemas de influência, o que favorece a análise sistêmica a partir da visualização das conexões, interdependências e narrativas que estruturam determinado contexto. Nesse mapeamento, é possível identificar os temas mais recorrentes. Entre os temas identificados, destacamos, neste estudo, os seguintes: barreiras linguísticas nos serviços públicos, dificuldades de regularização documental, racismo cotidiano, desafios no acesso ao trabalho e impactos psicossociais da migração forçada.

A análise das tensões evidenciadas nas narrativas permite afirmar que, embora múltiplos fatores atravessem a experiência migratória, a aprendizagem da língua do país de acolhida emerge como o primeiro e mais estruturante desafio enfrentado pelos migrantes. As barreiras linguísticas nos serviços públicos, as dificuldades nos processos de regularização documental, os entraves para inserção no mercado de trabalho e mesmo as situações de discriminação cotidiana revelam-se, em grande medida, atravessadas pelo desempenho linguístico. A língua não se configura apenas como instrumento de interação discursiva, mas

---

<sup>6</sup> Para saber mais, acesse: <https://kumu.io/>.

como condição de acesso a direitos, de construção de vínculos sociais e de participação plena na vida comunitária. Nesse sentido, investir em políticas e práticas que promovam a aprendizagem da língua significa atuar diretamente no enfrentamento de diversas outras tensões identificadas, consolidando a língua como eixo central dos processos de acolhimento e integração.

### **Ver e ouvir para melhor acolher na comunidade do Projeto LER**

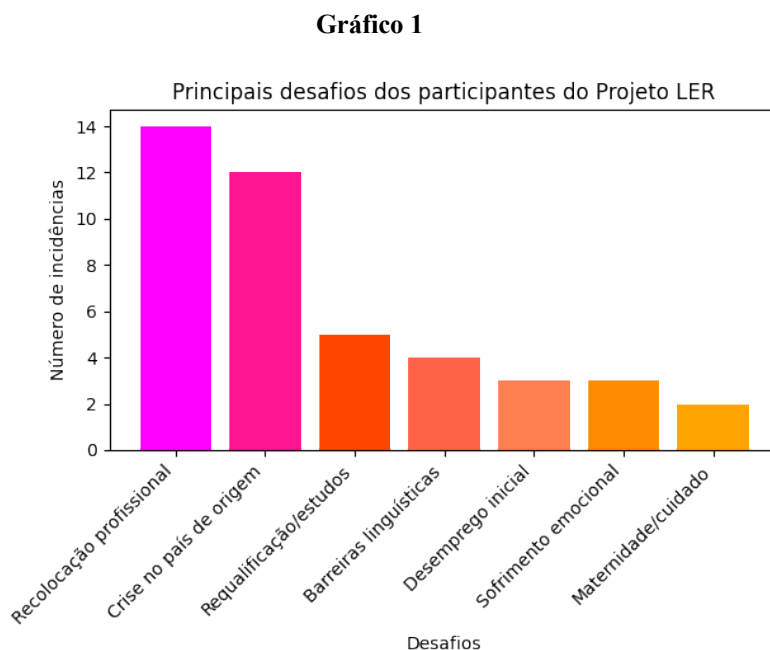
Ao reconhecer que migrantes e refugiados não se definem por suas vulnerabilidades, mas por suas potências e projetos de vida, a pesquisa “Ouvir para bem receber” reafirma a necessidade de políticas e práticas comprometidas com reconhecimento, construção de autonomia e justiça social. É nesse horizonte que se torna pertinente realizar um movimento de aproximação, um *zoom in* sobre a comunidade intercultural do Projeto LER, observando como as tensões identificadas no mapeamento realizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte se materializam nas trajetórias concretas de seus participantes.

Espelhada nestes resultados e com o propósito de voltar o olhar para a comunidade específica do Projeto LER, foi realizada a pesquisa “Ver e ouvir para melhor acolher: um estudo semiótico-discursivo de narrativas de migrantes e refugiados”. Seus resultados evidenciam que o perfil e a narrativa dos participantes confirmam tendências já identificadas no mapeamento de tensões da pesquisa realizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa. O corpus foi constituído por 31 narrativas autobiográficas escritas por migrantes e refugiados que integram a comunidade intercultural de aprendizagem do Projeto LER. Esses textos foram produzidos, mais especificamente, como parte da prova de desempenho linguístico. Dessa forma, as narrativas não foram elaboradas exclusivamente para fins de pesquisa, mas emergiram de uma prática avaliativa formativa, o que contribuiu para a produção de relatos mais espontâneos, situados e atravessados pelas experiências reais de vida, aprendizagem da língua portuguesa e pelos processos de integração social vivenciados pelos participantes.

A análise das narrativas de vida foi orientada pela perspectiva da Semiótica Cognitiva, considerando o ato de escrever sobre a própria trajetória como um processo de construção de sentidos e de (re)organização identitária em contexto migratório. Os textos foram lidos de maneira interpretativa e sensível, buscando identificar recorrências temáticas como trabalho, educação, família, deslocamento, dificuldades linguísticas e projetos de futuro, bem como

marcas discursivas que revelam emoções e posicionamentos. O Gráfico 1, a seguir, representa os principais desafios compartilhados nessas narrativas:



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

A análise das 31 narrativas evidencia que o principal desafio enfrentado pelos migrantes ao chegar ao Brasil é a recolocação profissional, com 14 incidências, revelando um padrão consistente de desqualificação ocupacional e rebaixamento de status laboral, sobretudo entre sujeitos com formação superior ou trajetória profissional consolidada em seus países de origem. Em seguida, destaca-se a crise estrutural nos países de origem (12 incidências), o que confirma o caráter predominantemente forçado ou condicionado da migração, especialmente entre venezuelanos e haitianos. A necessidade de requalificação e retomada dos estudos (5 incidências) aparece como estratégia de reconstrução de projeto de vida, frequentemente associada ao desejo de mobilidade social e reconhecimento profissional. As barreiras linguísticas (4 incidências) e o desemprego inicial (3 incidências) configuram obstáculos concretos à inserção socioeconômica, enquanto o sofrimento emocional decorrente da ruptura migratória (3 incidências) e o impacto de responsabilidades familiares (2 incidências) revelam dimensões subjetivas e de gênero que atravessam o processo de adaptação. O conjunto dos dados indica que a experiência migratória articula vulnerabilidade estrutural e agência individual, evidenciando tanto processos de precarização quanto estratégias de ressignificação e reconstrução identitária no contexto brasileiro.

A partir dessas análises, foi possível articular as experiências individuais a um contexto sócio-histórico mais amplo, marcado pela migração forçada e pelas desigualdades sociais, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das realidades vividas por migrantes e refugiados atendidos pelo projeto, além de oferecer subsídios para refletir sobre práticas pedagógicas de acolhimento e integração no ensino de Português como Língua de Acolhimento. As análises foram estratificadas por categorias como nacionalidade, idade, atividade laboral no país de origem e no país de chegada e formação acadêmica.

A composição por nacionalidade revela que, na comunidade do Projeto LER, há predominância de venezuelanos, seguidos por haitianos, além de bolivianos, colombianos, argentinos, dominicanos e libaneses. Tal diversidade espelha os fluxos migratórios recentes no Brasil e indica que as crises políticas, econômicas e ambientais nos países de origem constituem o pano de fundo das narrativas que atravessam a comunidade intercultural de aprendizagem.

A comunidade é formada, majoritariamente, por adultos em idade economicamente ativa, evidenciando que a migração está fortemente associada à busca por trabalho, estabilidade e melhores condições de vida para si e para suas famílias. No entanto, ao comparar os dados relativos às ocupações exercidas nos países de origem com as atividades desempenhadas no Brasil, emerge uma tensão central: o subaproveitamento de qualificações. Profissionais como médicos, professores, contadores e técnicos passam a atuar em funções de atendimento, serviços gerais ou trabalhos informais, enquanto enfrentam os obstáculos da revalidação de diplomas e da inserção profissional. Essa discrepância confirma uma das tensões recorrentes identificadas na pesquisa “Ouvir para bem receber”: o contraste entre formação prévia e possibilidades reais de inserção no mercado de trabalho brasileiro.

Aspectos relacionados ao estado civil e às trajetórias familiares também revelam tensões afetivas e sociais que atravessam a experiência migratória. A decisão de migrar envolve, frequentemente, responsabilidades familiares, cuidados com filhos e pais, ou o envio de remessas ao país de origem. As narrativas produzidas nos círculos de leitura e escrita evidenciam sentimentos de ruptura, saudade e reinvenção, ao mesmo tempo em que apontam para estratégias de resistência e reconstrução identitária.

Ao aproximar o mapa de tensões identificado na pesquisa realizada em escala metropolitana (Ouvir para bem receber) da experiência concreta da comunidade intercultural de aprendizagem do Projeto LER, torna-se evidente que categorias analíticas como barreiras linguísticas, xenofobia, racismo cotidiano, dificuldades com os processos de documentação e com a recolocação no mercado de trabalho ganham relevância nas histórias de vida compartilhadas nos círculos dos encontros do projeto. O ambiente seguro construído na

comunidade intercultural de aprendizagem não elimina tais tensões, mas cria um espaço ético-político de escuta, diálogo e convivialidade, no qual a linguagem opera como prática de reconhecimento e de produção de pertença.

A barreira linguística aparece como eixo estruturante dessas tensões. Embora muitos participantes sejam multilíngues, o domínio do português surge como desafio inicial e decisivo para o acesso a direitos, à regularização documental e à inserção laboral. A língua, nesse contexto, revela a ambivalência apontada na introdução a este artigo: é simultaneamente obstáculo e potência. Se, por um lado, a limitação no desempenho linguístico pode aprofundar desigualdades, por outro, a aprendizagem situada do português constitui ferramenta de mediação, autonomia e reconstrução de projetos de vida. No interior do Projeto LER, essa tensão é enfrentada por meio de práticas de intercompreensão e experiências de multiletramentos que deslocam o foco de aprendizagem tradicional, estruturada em aprendizagem de estruturas e regras, para uma aprendizagem significativa e situada.

Nesse movimento, ver e ouvir deixam de ser apenas procedimentos metodológicos e se consolidam como atitude pedagógica transformadora, capaz de articular ensino, pesquisa e extensão na construção de respostas socialmente comprometidas aos desafios da migração contemporânea.

### **Considerações finais**

Assumir uma atitude concreta de ver e ouvir para melhor acolher significa reconhecer que a linguagem está no centro das disputas por dignidade, direitos e cidadania. As experiências discutidas neste artigo indicam que práticas de letramento orientadas pelo diálogo, pela escuta e pela convivência podem contribuir não apenas para a aprendizagem linguística, mas para a construção de comunidades mais justas, solidárias e interculturais.

A aprendizagem do Português como Língua de Acolhimento constitui eixo estruturante dos processos de integração social em contextos de migração de crise. Longe de se restringir à aquisição de estruturas gramaticais, o ensino da língua revela-se prática social situada, atravessada por relações de poder, disputas simbólicas e experiências de exclusão, mas também por potências, saberes e projetos de vida. A partir da experiência do Projeto LER, demonstrou-se que práticas fundamentadas na escuta ativa, na dialogicidade freireana, na convivialidade e nos multiletramentos possibilitam deslocar o foco de uma perspectiva normativa e gramatizante para uma abordagem intercultural, decolonial e participativa.

O mapeamento das tensões vividas por migrantes e refugiados na Região Metropolitana de Belo Horizonte confirma que barreiras linguísticas, dificuldades documentais, subaproveitamento profissional e experiências de discriminação estão interligadas e impactam diretamente a construção do sentimento de pertença e de cidadania. O movimento de fechamento de lente realizado sobre a comunidade do Projeto LER permitiu observar como essas categorias analíticas ganham densidade concreta nas trajetórias de seus participantes: profissionais altamente qualificados enfrentando dificuldades de recolocar-se no mercado de trabalho, sujeitos multilíngues confrontados com entraves institucionais em português, famílias tensionadas entre projetos de permanência e vínculos transnacionais. Tal aproximação evidencia que o mapa sistêmico de tensões não é uma abstração diagnóstica, mas um retrato vivo que se manifesta no cotidiano da comunidade intercultural de aprendizagem, reafirmando a centralidade da língua como condição de acesso a direitos e de reconstrução de projetos de vida.

Nesse cenário, ver e ouvir configuram-se como atitude ética e política que orienta a ação extensionista universitária, fortalecendo a articulação entre ensino, pesquisa e intervenção social. Assim, a universidade, ao atuar em rede e em diálogo com a sociedade civil e o poder público, reafirma seu papel na formulação de práticas e políticas linguísticas comprometidas com justiça social, reconhecimento e emancipação em contextos de mobilidade humana contemporânea.

## **Referências**

ACNUR. *Relatório de Tendências Globais 2024*. Genebra: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, 2024. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues>. Acesso em: 14 out. 2025.

ARAÚJO E SÁ; M. H.; DE CARLO, M.; MELO-PFEIFER, S. L'intercomprensione nell'interazione plurilingue. In: DE CARLO, M. *Intercomprensione e educazione al plurilinguismo*. Porto S. Elpidio: Wizarts Editore, 2011, p.287-301.

ASSOCIAÇÃO NOSSA CIDADE; PROJETO LER (Programa de Pós-graduação em Letras/PUC Minas). Banco Interativo - *Pesquisa Ouvir Para Bem Receber: integração e conexão de comunidades transnacionais em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, MG. Associação Nossa Cidade; Projeto Ler (Programa de Pós-graduação em Letras PUC Minas). 02 out. 2025. Disponível em: <https://ouvirparabemreceber.mystrikingly.com>. Acesso em: 21 fev. 2026.

BIZON, Ana Cecília Cossi; DINIZ, Leandro Rodrigues Alves. Uma proposta poscolonial para a produção de materiais didáticos de português como língua adicional. *Linguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 43, p. 150-175, jan./jun. 2019. ISSN 1519-4906.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. *Portaria nº 623, de 13 de novembro de 2020*. Dispõe sobre os procedimentos de naturalização, de igualdade de direitos, de perda da nacionalidade, de re aquisição da nacionalidade e de revogação da decisão de perda da nacionalidade brasileira. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública, [2020].

Disponível em:

[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/PORTARIA\\_N%C2%BA\\_623\\_DE\\_13\\_DE\\_NOVEMBRO\\_DE\\_2020.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/portarias/PORTARIA_N%C2%BA_623_DE_13_DE_NOVEMBRO_DE_2020.pdf). Acesso em: 18 fev. 2026.

CAPUCHO, F. Intercomprensione fra lingue appartenenti a diverse familgile linguistiche. In: DE CARLO, M. *Intercomprensione e educazione al plurilinguismo*. Porto S. Elpidio: Wizarts, 2011, p. 223- 241.

CAPUCHO, M. F. L’Intercompéhension – un nouvel atout dans le monde professionnel. In: DEGACHE, CH.; GARBARINO, S. *Actes du colloque IC2012. Intercompéhension : compétences plurielles, corpus, intégration*, Université Stendhal Grenoble 3 (France), 21-22-23, 2016.

CAPUCHO, Filomena; SILVA, Maria da Piedade. New contexts, new processes, new strategies: the co-construction of meaning in plurilingual interactions. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 4, p. 1349–1378, out./dez. 2016. DOI: 10.14393/DL27-v10n4a2016-8.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. “Multiliteracies”: New literacies, new learning. *Pedagogies: An international journal*, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009.

DINIZ, Leandro Rodrigues Alves; COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel. Políticas linguísticas para o ensino de português como língua adicional: acolhimento ou silenciamento? *RE-UNIR*, v. 8, n. 1, p. 231-242, 2021.

FREIRE, Paulo. A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 107-166.

FREINET, Célestin. *Pedagogia do bom senso*. Tradução: J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

IVANISKA, Felipe. *Você consegue me entender?* [filme-vídeo]. Produção de A Banda Filmes; Associação Nossa Cidade; Projeto LER. Belo Horizonte, 2025.

MILITÃO, Josiane; CAVALCANTE, Sandra. *Ver e ouvir para melhor acolher: o desafio maior do PLAc*. Belo Horizonte: FIP/PUC Minas, 2025.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: UNIC Rio, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PROJETO LER. *Ouvir para bem receber: integração e conexão de comunidades transnacionais em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Projeto LER / Associação Nossa Cidade, 2024. Relatório de pesquisa.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escola Conectada: os multiletramentos e as TIC*. São Paulo: Parábola, 2013.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v18.n40.05>

*Artigo de autora convidada.*